



Uma história de recepção: Robert Holub e a Teoria da Recepção

Vitor Claret Batalhone Júnior

Doutorando em História pela UFRGS - CAPES
batalhonehistor@gmail.com

RESUMO: A proposta deste artigo é discutir a *Teoria da Recepção* a partir de dois livros do crítico literário norte-americano Robert C. Holub, a saber: *Crossing Borders* de 1992; e *Reception Theory* de 1984. Holub propõem uma introdução crítica à *Teoria da Recepção* em seu primeiro livro, avaliando dois dos seus maiores proponentes – Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser. Em seu segundo livro, Holub revê analiticamente o processo de recepção da *Teoria da Recepção*, *Estética da Recepção* no mundo germânico, propondo que toda teoria sofre desvios de compreensão para além das fronteiras nacionais das academias que as formularam. Assim, creio que a comparação entre os dois referidos livros de Robert Holub podem nos oferecer um exemplo pertinente sobre as próprias potencialidades e limites da *Teoria* ou *Estética da Recepção*.

PALAVRAS-CHAVE: Holub, Recepção, Teoria.

ABSTRACT: This paper aims to discuss the Reception Theory considering two books written by the North American literary critic Robert C. Holub: *Crossing Borders* published in 1992, and *Reception Theory*, of 1984. In his first book, Holub proposed a critical introduction to *Reception Theory* considering two of its biggest proponents – Hans Robert Jauss and Wolfgang Iser. In his second book, Holub did an analytical review of the reception process of *Reception Theory*, *Aesthetics of Reception* in the Germanic world, proposing the argument that theories suffer deflections of understanding to beyond the national borders that framed them. Therefore, I think the comparison between these two books by Robert Holub might give us a good example of the possibilities and borders of the *Theory* or *Aesthetics of Reception*.

KEY-WORDS: Holub, Reception, Theory.

Mudando um paradigma?

A proposta deste artigo é discutir a *Teoria da Recepção* a partir de dois livros do crítico literário norte-americano Robert C. Holub, a saber: *Crossing Borders* de 1992; e *Reception Theory* de 1984.¹ Holub começou seus estudos em Literatura Comparada na *Universidade Wisconsin-Madison*, nos Estados Unidos. Em 1979, concluiu seu processo de doutoramento especializando-se em Literatura Germânica também em Wisconsin. O autor foi professor na *Universidade de Berkeley na Califórnia* durante 27 anos, período no qual aprofundou seus estudos em história literária, cultura

¹ HOLUB, Robert C. *Crossing Borders: Reception Theory, Poststructuralism, Deconstruction*. Madison: University of Wisconsin, 1992. HOLUB, Robert C. *Reception Theory: A Critical Introduction*. London and New York: Methuen, 1984.



e filosofia germânica dos séculos XIX e XX². Na década de 1980, imerso em tais estudos, Robert Holub se deparou com um cenário intelectual bastante diferente do de seu país. Na Alemanha, ainda dividida, havia surgido alguns anos antes uma determinada produção de estudos sobre história literária assim como sobre as relações entre autores, textos, seus respectivos leitores e a consequente produção de significado pelo processo de leitura, relacionando tal fenômeno às possibilidades de ocorrerem mudanças sociais através da difusão de textos literários.

A *Teoria da Recepção*, ou *Estética da Recepção* como foi nomeada pelos estudiosos germânicos que lideraram tal linha de reflexão, surgiu do esforço para lidar com textos de épocas passadas – mais especificamente literários –, “a partir do processo de formação atual da teoria literária”.³ Para esses autores, tratava-se de “evidenciar as condições de formações de sentidos distintos aos respectivos textos (ficcionais) por parte dos distintos leitores e grupos de leitores”⁴. Ou seja, não se tratava apenas de concentrar a análise na produção de sentido no ponto da recepção do texto pelo leitor, mas sim de uma reflexão acerca das condições de tais formações de sentidos. Tratava-se de buscar reduzir as múltiplas e potenciais camadas de sentidos para um determinado texto⁵. Praticamente desconhecida fora da Europa até os anos 1980, e de certa forma pouco conhecida também fora das duas Alemanhas até a década de 1970, a *Estética da Recepção* esteve bastante presente nas discussões teóricas européias, cobrindo um espaço de reflexão que tocou desde os estudos literários, passando pela filosofia e pela sociologia, até a história.⁶

161

Em 1969, Hans Robert Jauss publicou um artigo chamado *The change in the paradigm of literary scholarship*, no qual esboçou uma história dos estudos literários e postulou o início de uma revolução nos referidos estudos⁷. Jauss sugere em seu texto que assim como as ciências, os estudos literários não evoluem através de um progresso contínuo, mas antes, através de saltos qualitativos, descontinuidades e desenvolvimentos originais. Quando um paradigma de estudos literários não mais atendesse às demandas e expectativas de uma comunidade acadêmica, esse

² The University of Tennessee Knoxville. Captado em: <http://provost.utk.edu/holub_bio.shtml>. Acesso em: 25/10/2009.

³ GUMBRECHT, Hans Ulrich. *As funções da retórica parlamentar na Revolução Francesa: estudos preliminares para uma pragmática histórica do texto*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p. 13.

⁴ GUMBRECHT, Hans Ulrich. *As funções da retórica parlamentar na Revolução Francesa: estudos preliminares para uma pragmática histórica do texto*, p. 14. [Grifo do autor].

⁵ GUMBRECHT, Hans Ulrich. *As funções da retórica parlamentar na Revolução Francesa: estudos preliminares para uma pragmática histórica do texto*, p. 14.

⁶ “Como Hans Robert Jauss, um dos maiores proponentes desta teoria, espirituosamente notou em 1979, para os ouvidos estrangeiros as questões de ‘recepção’ deveriam parecer mais apropriadas para a gerência de um hotel do que para literatura”. O texto original encontra-se em inglês, sendo a tradução de minha inteira responsabilidade. HOLUB, Robert C. *Reception Theory: A Critical Introduction*. London and New York: Methuen, 1984, p. XI.

⁷ HOLUB, Robert C. *Reception Theory: A Critical Introduction*, p. 1.



paradigma cederia espaço a outro mais versátil e adaptado a explicações potenciais sobre as antigas obras literárias em relação a um dado presente. Desta forma, paradigmas se sucederiam alterando também o padrão convencional do que seria aceito como o procedimento metodológico e teórico mais adequado aos estudos literários. Consequentemente alterar-se-iam também os cânones: mudam os métodos, mudam-se os objetos.⁸

Segundo Holub, Jauss sugere um esquema de três paradigmas prévios à *Estética da Recepção*⁹. Primeiramente, um paradigma “clássico-humanista”, cuja principal característica seria a relação comparativa com as obras modelares antigas. Um bom trabalho seria aquele que emulasse os clássicos; e o bom crítico literário, aquele que soubesse medir apropriadamente as obras presentes em relação às regras estipuladas pelos autores antigos. Com a quebra do primeiro paradigma, teria surgido um segundo nos séculos XVIII e XIX como consequência da “revolução científica do historicismo”. Este segundo paradigma teria surgido com a irrupção dos Estados-Nação e respectivos nacionalismos, sendo caracterizado como uma onda de sucessivas tentativas de legitimações nacionais através das respectivas histórias literárias. Este paradigma chama a atenção também pelos esforços de coleta, crítica e construção de séries documentais medievais que serviriam de fontes para as histórias nacionais. Por último, o terceiro paradigma seria aquele que, segundo Holub, Jauss denominou de paradigma “estético-formalista”, caracterizado pelos estudos acerca dos estilos literários. Os movimentos intelectuais do *Formalismo Russo* e do *New Criticism* pertenceriam a este terceiro paradigma que, realizando uma guinada dos estudos históricos e das explicações causais relacionados aos estudos literários, se concentrariam nos aspectos formais e estilísticos das obras. Valorizados em si, os textos literários adquiriram um status de autossuficiência.¹⁰

162

Tomando de empréstimo a Thomas S. Kuhn as expressões *paradigma* e *revolução científica*, Jauss pretendia não apenas legitimar seu projeto enquanto empreendimento *científico*, mas também, como afirma Robert Holub, deslegitimar outros críticos e teóricos literários que vieram antes dele e da *Estética da Recepção*. Isso fica claro quando Jauss disserta sobre a possibilidade de entendermos o *estruturalismo* enquanto um quarto paradigma. Para Jauss, segundo Holub, apesar do *estruturalismo* e do *pós estruturalismo* parecerem sugerir uma crise no terceiro paradigma, estes movimentos intelectuais apresentam tamanha variedade de posicionamentos críticos e teóricos

⁸ HOLUB, Robert C. *Reception Theory: A Critical Introduction*, p. 1.

⁹ Segundo Holub, Jauss não utiliza a expressão *teoria da recepção* (“reception theory”) em seu artigo – *The change in the paradigm of literary scholarship* –, apesar de postular suas características e a Universidade de Constanza como elementos do que estava se constituindo enquanto quarto paradigma. HOLUB, Robert C. *Reception Theory: A Critical Introduction*, p. 4.

¹⁰ HOLUB, Robert C. *Reception Theory: A Critical Introduction*, p. 2-3.



que não parecem representar a irrupção de um novo paradigma. A característica mais importante deste cenário teórico e epistemológico seria o resgate da hermenêutica e o surgimento do que ficou conhecido como *Linguistic turn*.¹¹

Afirmado, portanto o não surgimento de um quarto paradigma, Jauss postulou as características necessárias para seu surgimento assim como de sua utilidade:

Esta realização específica [de um paradigma literário] (...) é a habilidade de arrancar as obras de arte do passado através de significados de novas interpretações, para traduzi-los em um novo presente, para fazer as experiências preservadas na arte passada acessíveis novamente; ou, em outras palavras, para propor as questões que foram postas de outras maneiras por cada geração e para a qual a arte do passado pode falar e novamente dar-nos resposta.¹²

Ou seja, o paradigma por vir se destacaria pela centralidade dos processos de interpretação, mediação e atualização do passado. Para tanto, sugere um pequeno esquema metodológico para tal empreendimento. Primeiramente, a necessidade de se relacionar o caráter estético-formal com o histórico e as análises das relações de recepção. Depois, realizar uma ligação entre o método estrutural e o hermenêutico. Num terceiro momento, arriscar uma estética do efeito e uma nova retórica que possibilitassem o estudo tanto de trabalhos de “alta cultura” quanto de artistas ou historiadores “menores”.¹³

Apesar dos apelos de originalidade e de unicidade que Jauss, segundo Holub, projetou em 1969 para aquilo que ele pretendia caracterizar como um novo paradigma potencial, definir o que é *Estética da Recepção* não é algo simples ou fácil. A existência de um grande número de reflexões neste sentido não significou homogeneidade teórica. O que os estudos de recepção eram na época, e talvez o sejam ainda hoje, é matéria de disputa intelectual não somente na Alemanha, mas também em outras comunidades acadêmicas nacionais. Nos Estados Unidos entende-se recorrentemente *teoria da recepção* como uma teoria relacionada à apropriação do leitor acerca do ato de leitura de um determinado texto. É o que Holub coloca como a “crítica leitor-resposta” (“*reader-response criticism*”). De fato, o que aproxima a *Estética da Recepção* à “crítica leitor-resposta” (“*reader-response criticism*”) é o interesse em focar a reflexão acerca dos processos de leitura no ponto das apropriações potenciais realizadas pelos leitores.¹⁴

¹¹ HOLUB, Robert C. *Reception Theory: A Critical Introduction*, p. 3-5. Ver KUHN, Thomas S. *The structure of scientific revolutions*. Chicago: University of Chicago Press, 1970; KUHN, Thomas S. *O caminho desde A estrutura: ensaios filosóficos, 1970-1993*, com uma entrevista autobiográfica. São Paulo: UNESP, 2006.

¹² Jauss *apud* HOLUB, Robert C. *Reception Theory: A Critical Introduction*, p. 3-4.

¹³ HOLUB, Robert C. *Reception Theory: A Critical Introduction*, p. 4.

¹⁴ HOLUB, Robert C. *Reception Theory: A Critical Introduction*, p. XII-XIII.



Um dos mais persistentes dilemas, de fato, é como *Rezeption* (recepção) difere de *Wirkung* (normalmente traduzido como “resposta” ou efeito). Ambos têm a ver com o impacto de uma obra em alguém, e não é claro que possam ser separados completamente. Mesmo assim, a sugestão mais recorrente é entender *Rezeption* como relacionado ao leitor, enquanto *Wirkung* é suposto pertencer aos aspectos textuais, uma solução que não é inteiramente satisfatória para nenhuma das explicações.¹⁵

Desta forma, Robert Holub tenta definir *teoria da recepção* pelo deslocamento do interesse analítico – principalmente na área da crítica literária – do ponto do autor para o ponto do leitor e suas relações com um determinado texto. Segundo Holub, a expressão *teoria da recepção* dissimula a multiplicidade de projetos concernentes à área¹⁶. Ao contrário, *Estética da Recepção* é marcadamente uma expressão vinculada a Jauss, Wolfgang Iser e demais representantes da *Universidade de Constanza*. É vinculado a este contexto de disputas no campo de estudos da crítica literária em relação ao fenômeno de comunicação “autor-texto-leitor”, que Robert Holub propõe em seu livro de 1984 – *Reception Theory: A Critical Introduction* – uma discussão acerca do que é *recepção* e do que estava em jogo nas décadas de 1960 a 1980, nos Estados Unidos, na Alemanha e na Europa como um todo.

Citando, não sem propósito, o artigo de Jauss acima referido, Holub propôs que a *Teoria da Recepção* deveria ser entendida enquanto um empreendimento intelectual coletivo iniciado nas academias da Alemanha Ocidental, especialmente na *Universidade de Constanza*, na década de 1960. Tal movimento, segundo Holub, foi uma reação intelectual crítica e institucional ao contexto social e intelectual germânicos. Encontrando-se a cada dois anos no colóquio *Poetik und Hermeneutik* (Poética e Hermenêutica), os acadêmicos envolvidos neste processo, embora não assumindo a caracterização de “teóricos da recepção” e considerando que nem todos se dedicavam a pensar tal fenômeno, colocavam em discussão suas reflexões acerca de história literária, filosofia hermenêutica, processos de leitura e mudanças sociais.¹⁷

Holub argumenta que o surgimento dos estudos de *Teoria e Estética da Recepção* estava vinculado ao surgimento de uma nova geração de acadêmicos alemães. Estes professores recém-egressos no mercado de trabalho intelectual encontraram um sistema acadêmico bastante conservador. Segundo Holub, a maior vantagem a que esta nova geração de estudiosos alemães poderia recorrer era o recurso à originalidade intelectual para a disputa dos cobiçados cargos nas universidades. Afirmar uma mudança de paradigma, assim como rever os cânones nacionais seriam partes deste processo. Em essência, tratava-se de questionar a tradição e a autoridade do

¹⁵ HOLUB, Robert C. *Reception Theory: A Critical Introduction*, p. XII.

¹⁶ HOLUB, Robert C. *Reception Theory: A Critical Introduction*, p. XII-XIV.

¹⁷ HOLUB, Robert C. *Reception Theory: A Critical Introduction*, p. XIII-XIV.



que já estava dado, de rever e ressignificar um mundo herdado realizado anteriormente. Desta forma, Holub sugere que a própria dinâmica teórica e epistemológica da *Estética da Recepção* possuía raízes no contexto social e histórico no qual se formulou.¹⁸

Para endossar tal argumentação, ele constrói uma espécie de história da *Estética da Recepção*, propondo alguns de seus antecessores. O *Formalismo Russo* seria um desses. Para tal “escola” teórica, o importante no processo de leitura seria descobrir através de um processo de estranhamento, de distanciamento em relação ao texto, de determinadas lógicas sociais escondidas nas estruturas de uma obra. Para tanto, era necessário isolar a estrutura do texto. A relação entre vida do autor e obra interessava menos que os aspectos formais. No *Formalismo Russo* a evolução literária surgiria dos deslocamentos sucessivos entre aspectos formais dominantes e não dominantes aspectos os quais alterariam consequentemente as percepções do que seria ou não um bom texto.¹⁹

Depois de citar Roman Ingarden, a Sociologia da Literatura de Leo Löwenthal e Julian Hirsch, o *Estruturalismo de Praga* e Hans-Georg Gadamer, dentro do que o autor definiu como uma história de “Influências e precursores”, fica a questão sobre até que ponto poderíamos crer nessa relação de influências. Se são cabíveis tais relações, isso não fica evidente na argumentação de Robert Holub. O fato de haver uma preocupação comum com o papel do leitor nos processos de leitura, com a evolução da história da literatura, e com a análise no texto em si, não implica necessariamente uma relação genética entre tais matrizes teóricas. Considerando que nos Estados Unidos praticamente não se conhecia a *Estética da Recepção* até a década de 1980, como podemos afirmar que os acadêmicos da *Universidade de Constança* foram influenciados ou são sucessores das “escolas” e autores acima referidos, apenas através de uma argumentação calcada em semelhanças teóricas? Com isso não quero dizer que não exista nenhuma relação, mas sim que, caso existam, que tais relações não são tão lineares ou óbvias quanto podem parecer nas páginas de Robert Holub. Porque não pressupor tal relação entre o *New Criticism* norte-americano e a *Estética da Recepção*? Pretendo discutir melhor a questão proposta acima na próxima seção, mas adianto que para Holub, em *Reception Theory*, a fronteira física e cultural do Atlântico sugere ser de uma grande eficiência no que tange às dificuldades inerentes aos processos comunicativos.

O caráter original da *Estética da Recepção* nos estudos literários de Hans Robert Jauss, segundo Holub, estaria na conjugação de alguns elementos. Nota-se o deslocamento do interesse

¹⁸ HOLUB, Robert C. *Reception Theory: A Critical Introduction*, p. 8-12.

¹⁹ HOLUB, Robert C. *Reception Theory: A Critical Introduction*, p. 15-22.



de análises filológicas, psicológicas ou sociológicas, para estudos de história literária. Entretanto, aqui também surgem diferenças. Segundo Holub, interessaria menos para Jauss uma história literária teleológica de evoluções de estilos conjugada com meras descrições de relações autor-obra-contexto, do que uma história literária calcada na reconstrução da experiência de recepção das obras literárias pelos leitores. “Sua meta fixada é ajudar a restaurar a história no centro dos estudos literários, e é neste contexto que os dois títulos de seu ‘manifesto’ da teoria da recepção deveriam ser entendidos”.²⁰

Para Jauss, o processo de produção de significado da leitura é intrinsecamente desenvolvido num processo comunicativo de produção e recepção de textos. Assim, quando leio uma obra, atualizo-a para meu presente não somente através de minhas experiências e conceitos previamente adquiridos, mas também através de leituras igualmente guiadas por experiências e conceitos prévios realizados por outros sujeitos que cristalizaram um determinado sentido de leitura acerca da referida obra. Quando ocorre uma espécie de relação de adequação entre o *horizonte de expectativas* do autor e o do leitor, segundo Jauss, aconteceria uma experiência estética, que através do consequente efeito catártico, possibilitaria a eficácia comunicativa de um determinado processo de leitura²¹. A *alienação* provocada pelo processo de leitura, a partir da relação entre uma experiência passada registrada em um texto e uma experiência calcada na atualidade do leitor, tornaria tal leitor apto a proceder a uma análise crítica de seu presente, assim como a promover uma ação.²²

166

Entretanto, Holub crê que as opções escolhidas por Jauss possuem certas limitações. Primeiramente, Holub questiona até que ponto é possível operar tal *estética da recepção*²³. Como observar empiricamente os desvios de interpretação surgidos nos sucessivos e múltiplos

²⁰ HOLUB, Robert C. *Reception Theory: A Critical Introduction*, p. 53-55. “Basear a história da experiência estética em tais premissas deve nos levar a uma renovação produtiva da historiografia das artes. (...) Desde que a síntese histórica não é mais factível (...)”. JAUSS, Hans Robert. *Aesthetic experience and literary hermeneutics*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1982, p. 112.

²¹ JAUSS, Hans Robert. *Aesthetic experience and literary hermeneutics*, p. 62-92. HOLUB, Robert C. *Reception Theory: A Critical Introduction*, p. 76-78.

²² JAUSS, Hans Robert. *Aesthetic experience and literary hermeneutics*, p. 92-111. HOLUB, Robert C. *Reception Theory: A Critical Introduction*, p. 78-81.

²³ Crítica semelhante é realizada por Hans Ulrich Gumbrecht. Segundo tal autor, “Enquanto a Estética da Recepção teve uma relativa facilidade em construir, em colaboração com a Pragmática lingüística e a Sociologia do saber, um *fundamento teórico* inicial visando ao esclarecimento mútuo entre a compreensão do sentido e a compreensão da situação, ela teve que enfrentar dificuldades consideráveis na transformação das premissas teóricas em um *método*”. Grifo do autor. GUMBRECHT, Hans Ulrich. *As funções da retórica parlamentar na Revolução Francesa: estudos preliminares para uma pragmática histórica do texto*, p. 16.



processos de leitura?²⁴ O uso das categorias gadamerianas de *horizonte de expectativa* e *espaço de experiência* não é visto com tão bons olhos por Holub. Nas palavras de Robert Holub:

O problema com o uso de Jauss acerca do termo “horizonte” é que ele é tão vagamente definido que poderia incluir ou excluir qualquer sentido prévio da palavra. De fato, em nenhum lugar ele delimita precisamente o que ele entende pelo termo. Quando ele discute as antigas origens do termo no seu ensaio “Provocação”, ele cita suas primeiras referências em 1959 e 1961; mas nos virando para estes escritos nós encontraremos uma falta de especificidade similar. Além disso, o termo é fundado numa variedade de palavras compostas e frases. Jauss se refere a um “horizonte de experiência”, a um “horizonte de experiência da vida”, a um “horizonte estrutura”, a uma “mudança de horizonte” e a um “horizonte de condições materiais” (*materieller Bedingungs-horizont*). A relação entre esses vários usos é deixada justamente nebulosa assim como a própria categoria de “horizonte”. Jauss parece confiar no senso comum do leitor para entender ao menos seu termo principal. “Horizonte de expectativas” poderia parecer se referir a um sistema intersubjetivo ou a uma estrutura de expectativas, um “sistema de referências” ou uma configuração mental que um sujeito hipotético deveria levar para qualquer texto.

Tal definição provisória, entretanto, não alivia as dificuldades centrais em seu uso. Por exemplo, um dos postulados metodológicos mais importantes de Jauss se refere à “objetificação” deste horizonte.²⁵

A crítica acima me parece em certo sentido, análoga à crítica efetuada por Holub a Wolfgang Iser. Iser é considerado o outro acadêmico germânico entre “Os grandes Teóricos” da *Estética da Recepção*.²⁶ Também professor na *Universidade de Constanza*, Iser era mais bem conhecido fora da Alemanha Ocidental devido a alguns fatores, como por exemplo, ter se dedicado ao estudo da literatura inglesa. Sua polêmica com Stanley Fish acerca da *Estética da Recepção* também colaborou para difundi-lo nos círculos acadêmicos norte-americanos, embora Holub ressalte que, ainda assim, não seja o caso de uma difusão considerável até a década de 1980.²⁷ Seu primeiro artigo sobre o tema, originalmente realizado como uma leitura proferida na *Universidade de Constanza*, *Die Appellstruktur der Texte* de 1970, e seu livro mais famoso, *The Act of Reading* de 1976, são ambos de meados da década de 1970.²⁸

Diferentemente de Hans Robert Jauss, o qual se apropria de parte importante da filosofia hermenêutica de Hans-Georg Gadamer, Wolfgang Iser possui lastros intelectuais em Roman

²⁴ “Não há como saber se e de que maneira a recepção causa algum impacto nas ações e no comportamento subsequentes a ela, mesmo no caso ideal de uma pesquisa empírica sobre receptores contemporâneos – através de entrevistas, por exemplo –, porque a constituição dos agregados dos saberes relevantes para a motivação ocorre apenas em grau menor sob o controle consciente do ator”. GUMBRECHT, Hans Ulrich. *As funções da retórica parlamentar na Revolução Francesa: estudos preliminares para uma pragmática histórica do texto*, p. 19.

²⁵ HOLUB, Robert C. *Reception Theory: A Critical Introduction*, p. 59.

²⁶ “Os grandes Teóricos” (“*The major theorists*”) é o título do terceiro capítulo de *Reception Theory*, no qual Holub trata justamente da análise das obras de Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser. HOLUB, Robert C. *Reception Theory: A Critical Introduction*, p. 53.

²⁷ HOLUB, Robert C. *Reception Theory: A Critical Introduction*, p. 82-83, 101-106.

²⁸ HOLUB, Robert C. *Reception Theory: A Critical Introduction*, p. 82.



Ingarden e na filosofia fenomenológica de Edmund Husserl e Martin Heidegger. Segundo Holub, enquanto Jauss se preocuparia com o “macrocosmo” da recepção, Iser estaria focado no “microcosmo” do referido fenômeno.²⁹

Para Iser, segundo Holub, a produção de significado num processo de leitura se daria na medida em que um leitor preenchesse espécies de lacunas (*gaps* ou *blanks*) semânticas existentes numa estrutura textual produzida previamente por um autor, através do que Iser denominou de *atualização*. No fenômeno de *atualização*, o leitor, através do seu *ponto de observação* atual no presente, atualizaria-preencheria os vazios de significação de um texto produzindo uma interpretação coerente tanto com seu universo semântico quanto com a estrutura potencial de significados presente em um texto. Não se trataria de afirmar a possibilidade infinita de significações para um determinado texto, mas sim, de postular que não há um único conjunto potencial de significados para a interpretação de um texto. Existiriam possibilidades semânticas múltiplas, porém finitas. De qualquer forma, a produção de significado ocorreria apenas no ponto da recepção pelo leitor. Este seria o *leitor implícito* de Wolfgang Iser.

No livro de mesmo nome, o leitor implícito é definido tanto como uma condição textual quanto como elemento do processo de produção de significado: “O termo incorpora tanto a estruturação prévia do potencial de significado do texto quanto o potencial de atualização do texto pelo leitor através do processo de leitura (*The Implied Reader*, p.xii)”.³⁰

168

Se as *lacunas* fossem preenchidas ocorreria no processo comunicativo uma *negação*, um *estranhamento*. Ou seja, através do processo ativo de preenchimento de tais *lacunas*, o leitor tomaria consciência das normas sociais de seu mundo e poderia então agir sobre elas. Para Iser, segundo Holub, “a qualidade da negação é um fator determinante no valor literário” de uma obra³¹. Seria “como uma estrutura profunda do texto, um princípio organizador cujas ‘manifestações abstratas’ são as *lacunas* e *negações* que o leitor percebe”³². Aqui observamos mais uma vez, portanto, porque Holub crê que o contexto social tenha influenciado tanto no surgimento da *Estética da Recepção* na Alemanha Ocidental nas décadas de 1960-70. Para ele, o fato de ser persistente a valorização da literatura enquanto artefato de promoção de mudanças sociais estaria ligado principalmente ao desejo de busca de liberdade intelectual, dos poucos postos de trabalho nas academias germânicas e de afronta às instituições por parte dos acadêmicos ligados ao surgimento da *Estética da Recepção*, principalmente na *Universidade de Constança*.

²⁹ HOLUB, Robert C. *Reception Theory: A Critical Introduction*, p. 83.

³⁰ HOLUB, Robert C. *Reception Theory: A Critical Introduction*, p. 84.

³¹ HOLUB, Robert C. *Reception Theory: A Critical Introduction*, p. 94-95.

³² HOLUB, Robert C. *Reception Theory: A Critical Introduction*, p. 95.



Entretanto, Holub mais uma vez vê problemas mal resolvidos e idéias mal expressas. Para o autor, em nenhum momento Iser deixa claro o que são essas *lacunas* ou como os leitores poderiam se interessar por obras literárias do passado se o valor de um bom texto estaria calcado em seu potencial de gerar *negações*, ou seja, de criar estranhamento e distanciamento entre o leitor e as normas sociais de seu tempo visando a uma ação sobre a realidade.³³ Holub ainda crê que Wolfgang Iser não apresenta uma solução satisfatória acerca de até quando um texto pode determinar as significações produzidas pelo leitor através de um processo de leitura.³⁴

“No encontro teórico mais recente e mais odiado de Iser, entretanto, este é precisamente o ponto sob disputa”³⁵. Uma “interpretação de uma obra qualquer poderia ser efetuada usando a distinção entre dados textuais e contribuições do leitor?”³⁶ O que Stanley Fish, o arguidor de Iser, está propondo, é que a distinção mesma entre estruturas de determinação e indeterminação textuais de significados nos processos de leitura não é pertinente. Para Fish não faz sentido discutir acerca de determinação ou indeterminação, uma vez que todo encontro com o mundo, seja através de textos ou da “realidade”, é previamente mediado e envolve convenções. “O que vemos ou entendemos é sempre previamente determinado por uma perspectiva prévia ou uma estrutura que habilita a faculdade de ver e a de entender. O sistema de Iser, Fish sugere, é construído em uma falsa base”.³⁷

169

Entretanto, poderíamos argumentar em defesa de Iser, que esta metacrítica é simplesmente um recurso teórico-retórico que desloca sem resolver, o problema da indeterminação / determinação para um âmbito além do proposto pelo autor. O que Fish fez em sua crítica foi desqualificar as bases da teoria proposta por Iser sem sugerir respostas ou propor outras questões que fizessem progredir a reflexão acerca da *Estética da Recepção*. Assim, é importante passarmos a um exame da recepção da *Teoria da Recepção* e da *Estética da Recepção* em Robert Holub.

³³ HOLUB, Robert C. *Reception Theory: A Critical Introduction*, p. 87, 92.

³⁴ HOLUB, Robert C. *Reception Theory: A Critical Introduction*, p. 102. “Da assimetria entre o autor e os leitores contemporâneos, assim caracterizada, que, conforme a nossa terminologia, não pode ser considerada propriamente como “assituacionalidade”, segue a possibilidade de surgir a assimetria à qual se referem Iser e Warning, que se manifesta exclusivamente na diacronia das histórias de recepção: trata-se de uma assimetria comunicativa na qual não se enfrentam mais um leitor e um sujeito histórico, mas um leitor e um texto dissociado do seu produtor. Nesse caso cabe aos receptores gerar, dentro do processo da atribuição de sentido, novas situações comunicativas, nas quais o lugar do produtor evidentemente é ocupado por uma figura projetada”. GUMBRECHT, Hans Ulrich. *As funções da retórica parlamentar na Revolução Francesa: estudos preliminares para uma pragmática histórica do texto*, p. 17.

³⁵ HOLUB, Robert C. *Reception Theory: A Critical Introduction*, p. 102.

³⁶ HOLUB, Robert C. *Reception Theory: A Critical Introduction*, p. 103.

³⁷ HOLUB, Robert C. *Reception Theory: A Critical Introduction*, p. 102-103.



Uma situação comunicativa: *Crossing Borders*

Entre 1983 e 1985, Robert Holub estudou em Frankfurt como pesquisador *Humboldt fellow*³⁸. Neste período, vivendo em outro país que não o seu próprio, Holub começou a entrever a possibilidade de que os processos comunicativos de leitura não fossem tão simples quanto podiam parecer. Ele começou a perceber que certas críticas realizadas à *Teoria da Recepção* através de ataques endereçados a “Os grandes Teóricos” eram antes sintomas de uma determinada apropriação tanto das obras referentes à *Estética da recepção* quanto de culturas intelectuais diferentes, do que críticas teóricas mais complexamente formuladas. Isso não quer dizer que as críticas eram todas infundadas, mas sim que em muitos casos foram realizadas com uma compreensão enviesada da cultura acadêmica, da língua e dos pressupostos intelectuais mais recorrentes na Alemanha Ocidental das décadas de 1970-80. Holub crê, entretanto, que as produções acadêmicas na França e nos Estados Unidos também foram recebidas na Alemanha através da mediação de filtros culturais propriamente germânicos. Obviamente tais compreensões e apropriações também sofriam influências dos contextos políticos da época nos respectivos países. Tais processos de apropriação cultural foram metaforicamente aludidos no título do segundo livro de Holub aqui examinado: “Cruzando Fronteiras” (*Crossing Borders*).

170

Os escritores, críticos, e filósofos que dominaram o discurso aqui [nos Estados Unidos] eram, porém todos eles ignorados na Alemanha, e vice versa. Enquanto hermenêutica, ética comunicativa, fenomenologia, teoria da recepção, e várias formas de neomarxismo reinavam supremos entre os humanistas germânicos, seus congêneres nos Estados Unidos estavam mais preocupados com o pós-estruturalismo, com desconstrução e neopragmatismo. A discrepância entre os dois países se tornou mais notável para mim quando eu estava preparando uma monografia sobre teoria da recepção no início dos anos oitenta. Como estudo preliminar eu planejei examinar como esta teoria, a qual dominou a crítica literária na Alemanha do final dos anos sessenta até o final dos setenta, foi recebida nos Estados Unidos. Eu estava chocado em descobrir que não somente a teoria da recepção não era muito bem conhecida entre os estudiosos de literatura, mas também que inclusive quando teóricos germânicos recebiam reconhecimento individual, era quase sempre dentro de uma estrutura muito pouco relacionada com suas atividades na Universidade de Constanza. Logo em seguida, eu pude experimentar em primeira mão o outro lado da moeda: a falta de interesse na Alemanha, nas teorias mais frequentemente discutidas nos Estados Unidos.³⁹

³⁸ HOLUB, Robert C. *Crossing Borders: Reception Theory, Poststructuralism, Deconstruction*, p. VIII. Um *Humboldt fellow* é um pesquisador em nível de pós graduação financiado pela *Alexander von Humboldt Foundation*. Tal instituição visa promover a cooperação acadêmica entre pesquisadores alemães e estrangeiros. Alexander von Humboldt Foundation. Captado em: <<http://www.humboldt-foundation.de/web/start.html>>. Acesso em: 29/10/2009.

³⁹ O texto original encontra-se em inglês, sendo a tradução de minha inteira responsabilidade. HOLUB, Robert C. *Crossing Borders: Reception Theory, Poststructuralism, Deconstruction*, p. VIII.



Primeiramente, Holub alegou que as teorias literárias de origem francesa foram mais bem recebidas nos Estados Unidos devido a uma aura de radicalismo intelectual e político que emanava de tais teorias, e que não era observada nas obras dos intelectuais germânicos. Foucault e Derrida, por exemplo, representaram tal radicalismo e possuíram uma difusão bastante notável. O surpreendente é que, mesmo que não observado por espectadores estrangeiros, na Alemanha o que ocorria era justamente um clima de radicalismo:

Com os protestos dos estudantes demandando uma total reflexão e reestruturação dos padrões educacionais, assim como a emergência de uma nova geração de jovens acadêmicos desejando empreender tais reformas drásticas – ao menos no reino das idéias e das instituições de educação superior, muitos métodos alternativos popularizaram-se. A maior parte deles envolveu-se com alguma variedade de marxismo, e notavelmente virou-se para a esquerda, o que é refletido em grande parte dos manuais metodológicos e no grande processo ocorrido na academia na década seguinte. A atmosfera nos departamentos de literatura era frequentemente explosiva; a literatura em si estava sob ataque e a certo ponto foi inclusive declarada morta, ou ao menos moribunda, por um proeminente periódico de esquerda; e manifestações conclamando que se descobrisse uma única abordagem genuína para a literatura apareciam com assustadora regularidade.⁴⁰

É a esta espécie de fenômeno que Robert Holub alude com sua metáfora “Cruzando Fronteiras”. Nos Estados Unidos, o caráter provocativo que a *Estética da Recepção* implicava não era tão bem percebido. Devido a toda uma carga de herança cultural que tendia a assimilar o mais brevemente possível, através de uma operação de analogia, o *New Criticism* americano com qualquer outra teoria literária baseada na problematização da relação leitor-texto e a produção de significado neste ponto do processo de leitura, a *Estética da Recepção* perdia seu caráter singular. Surpreendentemente, é justamente isso, por exemplo, que faz Robert Holub durante grande parte de seu livro de 1984, *Reception Theory*. Apesar de todo seu esforço intelectual, o autor não é capaz de perceber as minúcias conceituais e metodológicas presentes nas obras de Wolfgang Iser e Hans Robert Jauss, assumindo toda uma série de críticas prévias à *Estética da Recepção*. Isso não significa que tais críticas sejam todas infundadas, mas ao contrário, que as diferenças culturais entre o universo acadêmico nos Estados Unidos e o germânico impediram em diversas situações a realização plena de um processo comunicativo mais eficiente.

Em *Crossing Borders*, Holub parece ter-se dado conta do quanto uma língua e uma tradição acadêmica podem interferir nos processos de leitura. É bem possível que Holub tenha percebido que afinal, seus “Os grandes Teóricos” não estavam tão errados ao insistirem no estudo do fenômeno potencial de polissemia comunicativa nos processos de leitura. Dentro de um mesmo

⁴⁰ HOLUB, Robert C. *Crossing Borders: Reception Theory, Poststructuralism, Deconstruction*, p. 8.



recorte temporal, a *Estética da Recepção* foi compreendida de formas bastante diferentes de um lado do Atlântico como do outro.

Destarte, proponho pensar a própria recepção da *Estética da Recepção* por Robert Holub, segundo os estudos do historiador e crítico literário Hans Ulrich Gumbrecht. Em seu livro *As funções da retórica parlamentar na Revolução Francesa*, Gumbrecht propõem um estudo concebido inicialmente como “pesquisa de base” para a *Estética da Recepção*, mas que de certa forma, buscou ultrapassar suas limitações mais ou menos evidentes. Para Gumbrecht, a reflexão inicial proposta pela *Estética da Recepção* acerca da formação de significados (*sentidos*) pelo leitor no processo de leitura, encontrava-se incompleta na medida em que ignorava a complexidade das *situações comunicativas*⁴¹. Desta forma, o autor recorreu à *Pragmática linguística* para tentar resolver a questão da produção de *sentido* textual através dos processos de leitura. “Disso segue que tanto na Pragmática linguística quanto na Estética da Recepção se trata necessariamente do *esclarecimento mútuo da compreensão do sentido e da compreensão da situação*”.⁴²

Entretanto, como operar esse “*esclarecimento mútuo da compreensão do sentido e da compreensão da situação*”, se uma operação leva à outra ao mesmo tempo em que a pressupõem? Gumbrecht define então seus termos e propõem um método. Primeiramente, é importante perceber que para os textos ficcionais é mais difícil definir uma situação comunicativa específica, pois não há a exigência de adjacência estrita entre o *sentido intencionado* pelo autor e o *sentido realizado* pelo leitor. No caso dos textos pragmáticos, quando ocorre um distanciamento entre *sentido intencionado* e *sentido realizado*, interpretamos tal ocorrência como má compreensão.⁴³

Na delimitação conceitual dos termos “texto” e “sentido”, o complexo invariável de signos lingüísticos chamado “texto” é tematizado como condição da possibilidade de seu efeito, a saber, o de produzir sentidos diferentes. A pluralidade de sentidos possíveis é mantida aberta, por parte do texto, através da multiplicidade significativa dos predicados que o constituem, através das imprecisões na sua interligação e através da diversidade de “modalizações” imagináveis, isto é, correlações entre situações produzidas nos textos e os estados de coisa do mundo da vida. A partir daí, o “sentido” é o *resultado da eliminação das ambigüidades (da “redução de lacunas”) intencionada pelo autor e realizada pelo leitor nos planos semântico, sintático e pragmático no ato da produção do texto e no da sua recepção*. Evidentemente, a pluralidade de sentidos possíveis é restrita respectivamente pela constituição do texto e pelas coordenadas situacionais.⁴⁴

⁴¹ GUMBRECHT, Hans Ulrich. *As funções da retórica parlamentar na Revolução Francesa*: estudos preliminares para uma pragmática histórica do texto, p. 14.

⁴² Grifo do autor. GUMBRECHT, Hans Ulrich. *As funções da retórica parlamentar na Revolução Francesa*: estudos preliminares para uma pragmática histórica do texto, p. 15.

⁴³ GUMBRECHT, Hans Ulrich. *As funções da retórica parlamentar na Revolução Francesa*: estudos preliminares para uma pragmática histórica do texto, p. 17.

⁴⁴ Grifo do autor. GUMBRECHT, Hans Ulrich. *As funções da retórica parlamentar na Revolução Francesa*: estudos preliminares para uma pragmática histórica do texto, p. 15.



Para definir *situação comunicativa*, portanto, Gumbrecht recorre ao conceito de *mundo da vida*. É através do recurso ao *mundo da vida* que é possível estabelecer uma “*relação entre aqueles segmentos do saber e suas respectivas interligações, que são realizadas pelo produtor do texto na constituição do texto, por um lado, e pelo receptor na sua compreensão*”⁴⁵. Ou seja, para a compreensão do fenômeno de produção de sentido através dos processos de leitura, é preciso compreender não somente o fenômeno de leitura em si e por si, mas também as relações sincrônicas estabelecidas entre autor, leitor e o *mundo* no qual estão inscritos e no qual agem e sofrem ações⁴⁶. Desta forma, para a historiografia assim como para textos teóricos como os de Robert Holub aqui analisados, que se enquadram na categoria de *textos pragmáticos*, o leitor deve “*derivar da historiografia subsídios para a reconstrução de situações comunicativas, podendo transformar essa reconstrução numa hipótese sobre a função do texto*”, de forma que *sentido textual* e *situação comunicativa* possam se esclarecer mutuamente.

Compreender a *função* de um texto é também um dos procedimentos metodológicos importantes para se obter a compreensão dos *sentidos* dos textos. Uma *função* textual é “*o efeito da sua recepção nas ações e no comportamento dos receptores*”, sendo estas *ações*, “*dirigidas por agregados de saberes relevantes para a motivação*” do receptor⁴⁷. O efeito de um texto cria um distanciamento entre uma situação cognitiva prévia e uma posterior, relativas a um sujeito receptor; e um aumento de convicção em relação a alguma ação que antes da recepção do texto não era esperada. Assim, considerando que tais *funções* são intencionadas em grande medida pelos autores, primeiramente trata-se de buscar o contexto intencional de produção da obra estudada, ou seja, compreender com vistas a quem e para que uma obra foi produzida. Posteriormente, trata-se de compreender o contexto de recepção de um determinado texto. Por fim, trata-se de compreender o contexto

⁴⁵ Grifo do autor. GUMBRECHT, Hans Ulrich. *As funções da retórica parlamentar na Revolução Francesa: estudos preliminares para uma pragmática histórica do texto*, p. 16.

⁴⁶ *Mundo da vida* é um conceito fenomenológico criado por Edmund Husserl, e que surgiu como consequência da rejeição epistemológica da oposição entre um sujeito capaz de cognição e um objeto/mundo cognoscível. O homem saía então de sua antiga posição extrínseca ao mundo dos fenômenos, de um papel de observador distanciado e direto do mundo, para ocupar um lugar de criador de realidades inserido no mundo dos fenômenos. O mundo dos objetos deixava de ser dado. Desta forma, no início do século XX, Edmund Husserl propôs uma nova maneira de se praticar o pensamento filosófico, a fenomenologia. Como nova pauta para a filosofia, Husserl almejava descrever “o único objeto não-transcendental possível de experiência [a um sujeito cognitivo], qual seja, a descrição das estruturas e mecanismos interiores pelos quais a mente humana constitui realidades e, ao mesmo tempo, a impressão de que elas são ‘objetivas’”. Apesar de nunca ter recebido “um esclarecimento sistemático definitivo”, a proposta era compreender *mundo da vida* como um conceito que possibilitasse a compreensão e a descrição dos fenômenos sociais, os quais estão inseridos simultaneamente num mundo transcendental – transcendental enquanto mundo criado por terceiros e herdado por outros indivíduos que não esses – e num mundo histórico de situações específicas. GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Modernização dos sentidos*. São Paulo: Ed. 34, 1998, p. 162-175.

⁴⁷ Grifo do autor. GUMBRECHT, Hans Ulrich. *As funções da retórica parlamentar na Revolução Francesa: estudos preliminares para uma pragmática histórica do texto*, p. 19.



mais amplo de ocorrência dos fenômenos comunicativos, de buscar um “motivo” para tais processos.⁴⁸

No caso de *Reception Theory*, Holub estabeleceu uma relação superficial entre o contexto ao qual pertenciam Iser e Jauss, e os *sentidos* realizados pelo autor, dos textos dos referidos acadêmicos. Nesse primeiro momento, Holub compreendeu a *Estética da Recepção* mais pela situação acadêmica germânica de disputa de cargos nas universidades, assim como pela construção de relações teóricas quase genéticas entre “influências e precursores”, do que por uma análise que levasse em conta a situação de enunciação, o contexto político e as tradições culturais germânicas.

Em *Crossing Borders* creio que Holub, como afirmado anteriormente, deu-se conta dos limites de sua análise acerca da *Estética da Recepção* em *Reception Theory*, conseguindo perceber e analisar não somente a *situação comunicativa* dos autores germânicos, mas também de seus críticos. É bastante plausível e notável através da leitura de seus dois livros aqui analisados, que Robert Holub obteve uma compreensão mais complexa sobre a *Teoria* e a *Estética da Recepção* justamente através do exercício de um processo de compreensão dos *sentidos* e das *situações comunicativas* relativos à *Estética da Recepção*. Holub não apresentou uma autocrítica formal devidamente caracterizada. Essa seria uma *função* de *Crossing Borders*: realizar uma autocrítica intelectual velada e propor um avanço nos estudos sobre *Teoria da Recepção*.

174

Recebido: 14/11/2009
Aprovado: 23/11/2011

⁴⁸ GUMBRECHT, Hans Ulrich. *As funções da retórica parlamentar na Revolução Francesa: estudos preliminares para uma pragmática histórica do texto*, p. 20.